

IMPORTÂNCIA DO DIAGNÓSTICO PRECOCE PARA A CRIANÇA COM DISLEXIA: impactos na aprendizagem*

IMPORTANCE OF EARLY DIAGNOSIS FOR THE CHILD WITH DYSLEXIA: impacts on learning

Maria Eunice Rodrigues Gomes**

Líllian Raquel Braga Simões***

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR FRANCISCANO

RESUMO

Considerada um Transtorno Específico da Aprendizagem (TEA), a dislexia tem origem neurobiológica afetando diretamente a escrita e a leitura. Este transtorno manifesta-se na fase inicial da vida da pessoa. É importante destacar que dislexia não tem relação com a preguiça e a falta de atenção. Estudos apontam a causa da dislexia como genética e que o transtorno é detectado muitas das vezes na escola, contudo sabe-se que para um diagnóstico adequado é necessário ser avaliado por uma equipe multidisciplinar composta por diferentes profissionais como psicólogo, fonoaudiólogo, médicos pediatras, neuropediatra, psiquiatra, psicopedagogo etc. Direcionado ao tema para o universo educacional, sabemos que a escola tem como responsabilidade de oferecer estratégias para amenizar essa dificuldade e colaborar com o desenvolvimento intelectual da criança usando metodologias apropriadas. O presente artigo investigou através de pesquisa bibliográfica, artigos acadêmicos reconhecidos sobre determinado tema, metodologias apropriadas para lidar com esse transtorno na escola. O artigo tem como enfoque demonstrar o papel do professor na escola e como este poderá contribuir para a educação junto a criança com dislexia abordando assuntos relacionados a dislexia a partir de alguns autores que esclarecem o que são tais distúrbios, também suas características, diagnósticos e tratamentos além do papel da escola e da família em relação a criança acometida por dislexia.

Palavras-chaves: Dislexia. Escola. Papel do professor.

ABSTRACT

Considered a Specific Learning Disorder (SLD), dyslexia has a neurobiological origin directly affecting writing and reading. This disorder manifests itself early in a person's life. It is important to point out that dyslexia is not related to laziness and inattention. Studies indicate that the cause of dyslexia is genetic and that the disorder is often detected at school; however, it is known that for an adequate diagnosis it is necessary to be evaluated by a multidisciplinary team composed of different professionals such as psychologists, speech therapists, pediatricians, neuropsychiatrists, psycho-pedagogues, etc. Directed to the educational universe, we know that the school has the responsibility to offer strategies to mitigate this difficulty and collaborate with the intellectual development of the child using appropriate methodologies. The present article investigated through bibliographical research, academic articles recognized on a given theme, appropriate methodologies to deal with this disorder at school. The article focuses on demonstrating the role of the teacher at school and how he/she can contribute to education with the child with dyslexia, addressing issues related to dyslexia from some authors who clarify what these disorders are, as well as their characteristics, diagnoses and treatments, and the role of the school and family in relation to the child affected by dyslexia.

Keywords: Dyslexia. School. Teacher's role.

* Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia Licenciatura do Instituto de Ensino Superior Franciscano, para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

** Aluna do curso de Pedagogia do Instituto Superior Franciscano (IESF).

*** Professora mestra em Educação, Psicopedagoga, Especialista em Saúde Mental e atenção psicossocial e Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda e aponta a importância do diagnóstico precoce para crianças com dislexia e seu processo de aprendizagem, tendo como objetivo compreender o processo de ensino da criança apresentando estratégias para viabilizar seu desenvolvimento escolar; identificar políticas públicas voltadas para o tratamento e diagnóstico da criança com dislexia no ambiente escolar; compreender os processos de formação de professores e demais profissionais de atendimento a criança com dislexia; apontar quais estratégias podem ser utilizadas pelos professores para ajudar os disléxicos dentro do ambiente escolar e vencer seus obstáculos.

Considerada um Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAP), tem origem neurológica e afeta diretamente a leitura e a escrita. Estudos apontam que a causa da dislexia é genética, algumas geneses determinam uma capacidade menor de leitura e escrita, porém, não devemos considerar uma criança com dislexia como alguém incapaz e sim considerar sua forma diferente de ver o mundo e buscar estratégias para superar suas dificuldades.

Compreendendo quais são as dificuldades e habilidades do indivíduo, é possível planejar e direcionar intervenções e adaptações personalizadas, envolvendo tanto a escola como os pais e outros profissionais para minimizar as dificuldades de aprendizagem e sociais que poderão surgir. (MONTANARI, 2015).

Vale ressaltar que a contribuição da tecnologia na área das necessidades educacionais tem sido reconhecida, um estudo realizado em crianças com dificuldades de alfabetização, incluindo dislexia, apresenta resultados positivos a partir da utilização de tablets para apoiar as atividades de leitura e escrita nas escolas. Além disso, os ambientes de aprendizagem que utilizam ferramentas tecnológicas podem contribuir para auxiliar os alunos a assumirem uma maior autonomia diante dos conteúdos.

Dito isso, vale ressaltar que, a criança com dislexia possui características físicas normais e não deve ser considerada como deficiente, nos casos da dislexia, os fatores emocionais devem ser considerados de forma significativa, uma vez que esses fatores podem prejudicar diversas esferas da vida da pessoa, em especial a vida escolar.

Sabendo disso e considerando o contexto escolar, a identificação precoce de um possível ou suposto quadro de dislexia no ambiente escolar, sensibiliza os profissionais da educação ao exercício de um “novo olhar” mais cuidadoso, investigativo e com mais participação na vida dessas crianças. Esse processo de investigação no Brasil é geralmente feito por uma equipe multidisciplinar, composto por diferentes profissionais e pode variar dependendo dos sintomas apresentados. A equipe pode ser constituída por psicólogos, fonoaudiólogos, médicos (pediatra, neuropediatra, neurologista e/ou psiquiatra), e psicopedagogo. É fundamental que a equipe se reúna e compartilhe os resultados das avaliações chegando a uma conclusão representativa das áreas investigadas.

A pesquisa foi realizada com finalidade de compreender os processos de ensino da criança com dislexia, assim como identificar as políticas voltadas para o tratamento e diagnóstico da criança, apontando estratégias que possa ser utilizada pelos professores e demais profissionais da área tendo como base a seguinte problemática: Qual a importância do diagnóstico precoce da dislexia para desenvolvimento da criança e como o professor pode contribuir para esse desenvolvimento no ambiente escolar?

Esta pesquisa é bibliográfica e foi realizada com embasamento em artigos acadêmicos, artigos publicados e reconhecidos sobre determinado tema e um levantamento feito por meios de livros. Se faz necessário esse tipo de pesquisa para encontrar métodos de avaliação criteriosa de modo a auxiliar na precisão diagnóstica e planejamento de uma possível intervenção. Esse artigo será dividido em 4 tópicos: contextualizando a dislexia, características, diagnóstico e tratamento.

2 HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS DA DISLEXIA

A palavra dislexia vem do grego, *dyslexis*, onde “*dys*” significa difícil e “*lexis*”, palavra. A dislexia foi identificada pela primeira vez em 1881, por Berkman e em 1887 foi cunhada pelo oftalmologista alemão Rudolf Berlin que referiu a dislexia a um jovem que apresentava dificuldades na escrita e na leitura apesar de apresentar habilidades intelectuais normais. É importante destacar que em 1806, um físico britânico chamado Pringle Morgan divulgou a primeira definição do distúrbio de aprendizagem que mais tarde seria nomeado dislexia após o estudo do caso de um jovem de 14 anos com dificuldade na escrita e na leitura. O Oftalmologista escocês, James Hinshelwood, publicou nas décadas de 1890 e 1900, nos jornais, artigos a respeito de casos similares aos estudados processos verbais dos sons encontrados em pacientes com inteligência normal, nomeando a cegueira verbal.

A dislexia até então, era conhecida como cegueira verbal congênita e era definida como transtorno de aprendizagem na leitura e na escrita. Foram muitos os conceitos que surgiram no decorrer dos anos para explicar o que realmente provoca dificuldade na leitura. Samuel Orton foi um dos primeiros pesquisadores a descrever os aspectos emocionais da dislexia. De acordo com sua pesquisa a maioria dos disléxicos, vivem bem e são bem adaptados.

Conforme apontado por Henningh (2003 *apud* MONTANARI, 2015) sobre a investigação de Orton:

[...] segundo qual a dislexia causada pelas insuficientes dominâncias do hemisfério cerebral sobre o outro. Quando um indivíduo via um símbolo, os hemisférios direito e esquerdo do cérebro iriam codificá-lo de forma independente. A versão de cada um dos hemisférios seria e reverso, a imagem do espelho do outro. A confusão resultaria do facto de não se registrar uma dominância de um hemisfério do cérebro sobre o outro. Até que tal dominância fosse estabelecida, haveria uma incerteza sobre qual das imagens em espelho deveria ser seguida, assim o problema das inversões persistiria.

Em outras palavras, a dominância cerebral determina o comportamento das pessoas no cotidiano. O cérebro é uma estrutura de fundamental importância para aprendizagem humana e para que esta funcione durante a aprendizagem é preciso que os dois hemisférios, direito e esquerdo, trabalhem em conjunto. Na criança com dislexia só é ativada a área cerebral que processa os fonemas, dificultando assim, a leitura e a escrita daquela criança.

Outro fator importante levantado por Hennigh (2003 *apud* MONTANARI, 2015) a respeito da investigação de Orton é que a dislexia era considerada não só um problema congênito, como também uma desordem de caráter psicológica e do desenvolvimento, pois Orton não olhava a dificuldade na leitura e escrita de forma

isolada. De acordo com Pinto (2012 *apud* MONTANARI, 2015) em 2003 foi adotado a seguinte definição pela Associação Internacional de Dislexia:

[...] a dislexia é a incapacidade específica de aprendizagem de origem neurobiológica. É caracterizada por dificuldade na correção e/ou fluência na leitura da palavra e por baixa competência leitora e ortográfica. Estas dificuldades resultam de um déficit fonológico inesperado, em relação às outras capacidades cognitivas e às condições educacionais educativas. Secundariamente podem surgir dificuldades de compreensão leitora, experiência de leitura reduzida que pode impedir o desenvolvimento do vocabulário e dos conhecimentos gerais.

Na visão de Condemarin e Blomquist (1986, p. 21):

O termo dislexia é aplicável a uma situação na qual a criança é incapaz de ler com a mesma facilidade com a qual leem seus iguais, apesar de possuir uma inteligência normal, saúde e órgãos sensoriais intactos, liberdade emocional, motivação e incentivo normais, bem como instruções adequada.

O que se nota é que, mesmo havendo várias definições acerca da dislexia, ela pode ser caracterizada de maneira geral como uma dificuldade de reconhecimento de letras, decodificação, soletração de palavras e baixo rendimento em leitura pela criança. Navas (2011 *apud* MONTANARI, 2015) ressalta que vários fatores podem interferir na aprendizagem da criança, e que podem levá-la a apresentar dificuldades de aprendizagem no início da alfabetização, tendo como causas as razões físicas, culturais, sociais, econômicas, pedagógicas e ou emocionais.

Estes fatores podem estar relacionados com fatores genéticos, ou ainda, desenvolvimento tardio do sistema nervoso central. Oliveira (2013 *apud* OLIVEIRA, 2020), afirma que é preciso que a aprendizagem venha, no decorrer de cada ano aprimorar o conhecimento do aluno, e para que isto aconteça de forma positiva é necessário que os educadores estejam conscientes das dificuldades que alguns de seus alunos possam vir a ter em relação a aprendizagem.

Convém ressaltar que Orton é considerado um marco nos estudos da dislexia, “[...] pois a partir dele o foco dos profissionais especializados passou a ser a dislexia como consequência de uma causa neurológica”. Em sua homenagem, após sua morte, foi criada nos Estados Unidos a Orton Dislexia Society. Outros estudiosos como Penfield e Roberts, Milkebus, Sperry e atualmente Albert Galaburda, deram continuidade aos estudos de Orton.

No Brasil, sob orientação da entidade inglesa iniciava encontros com um seleto grupo, na intenção de fundar uma associação que tratasse de assuntos relacionados a dislexia. A partir daí, nasceu, em 1983, a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), que cinco anos depois, iniciava-se as atividades do Centro de Avaliação e Encaminhamento (CAE), para atender ao pedido de pais, a demanda criada pela divulgação e aos profissionais em busca de respostas e orientações mais concretas.

De acordo com Assunção (2018), como forma de esclarecer como ocorre o transtorno, Oliver (2007) apresenta uma tabela de sintomas da dislexia. Ela vai chamar de singular/primária aqueles sintomas que ocorrem na fase inicial, caso a criança apresente dificuldade na fala, no campo visual, na coordenação motora, para soletrar e/ou esquecimento imediato. Específica/secundária quando a criança não conseguir identificar letras ou tiver baixo desempenho na leitura.

Veras (2012) também apresenta uma tabela demonstrando alguns dos sintomas apresentados no decorrer da vida do indivíduo disléxico:

Quadro 1 – Alguns sintomas associados a dislexia

PERÍODO	SINTOMAS
<p align="center">NA PRIMEIRA INFÂNCIA (0 A 6 ANOS DE IDADE)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atraso no desenvolvimento motor desde a fase do engatinhar, sentar e andar; • Atraso ou deficiência na aquisição da fala, desde o balbucio à pronuncia de palavras; • Dificuldade aparente para a criança entender o que está ouvindo; • Distúrbios do sono; • Enurese noturna; • Suscetibilidade a alergias e à inquietação ou agitação; • Dificuldades de adaptação nos primeiros anos escolares.
<p align="center">APÓS PRIMEIRA INFÂNCIA (ACIMA DE 7 ANOS DE IDADE)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Extrema lentidão ao fazer deveres ou ocorrência de muitos erros nas tarefas pelo fato de terem sido feitas rapidamente; • Pobre compreensão do texto ou falta de leitura do que escreve; • Inadequação da fluência da leitura para idade; • Invenção, acréscimo ou omissão de palavras ao ler e ao escrever; • Letra mal grafada e, até ininteligível; • Borrões ou ligação entre palavras; • Omissão, acréscimo, troca ou inversão da ordem e da direção de letras e sílabas; • Dificuldade para ler as horas, para sequências como dia, mês e estação do ano; • Boa memória longa, mas pobre em memória imediata, curta e médio prazo; • Pensamento por meio de imagem e sentimento, não com o som de palavras; • Extremamente desordenado, seus cadernos e livros são borrados e amassados; • Muito sensível e emocional, busca sempre a perfeição que lhe é difícil atingir;

Fonte: Assunção (2018) adaptado pela autora.

Toda via, a criança pode apresentar alguns desses sintomas e não necessariamente ter dislexia. Algumas crianças podem apresentar esses sintomas como algo natural do seu desenvolvimento, o certo é que, em caso de suspeita os pais levem a criança para fazer exames neurológicos. É um desafio lidar com a

dislexia, mas com um tratamento adequado e uma didática mais específica é possível melhorar a vida dessas crianças.

Quadro 2 – Características da leitura do disléxico

Desordem entre letras com distinções simples de gráfica	a-o, c-o, e-c, f-t, h-n, i-j, m-n, v-u, etc.
Desordem entre letra com grafia semelhante	b-d, b-p, b-q, d-b, d-p, d-q, n-u, w-m, a-e
Transposições parciais ou total de sílabas ou palavras	me-em, sol-los, som-mos, sal-las, pal-pla
Substituição de palavras por outras mais ou menos parecidas ou a criação de palavras, entretanto, com significados diferentes	soltou/salvou, era/ficava
Contaminação de erros	Reduplicação de sílabas, palavras ou frases.
Transpor de uma linha	Recuar para a linha anterior e perder a linha ao ler
Demasiada fixação	Olho na linha
Soletração imperfeita	Reconhece letras afastadas uma da outra, porém sem dispor a palavra como um todo, ou então, lê a palavra sílaba por sílaba, ou um texto, palavra por palavra
Letras	Ilegíveis
Dificuldade	Compreensão

Fonte: Assunção (2018) adaptado pela autora.

Nesse sentido, nem todas as crianças alcançam um nível de maturidade para leitura numa mesma idade cronológica, tal como o ato de caminhar, a criança só poderá fazê-lo quando tiver atingido um nível de maturidade suficiente, caso a criança tenha sido iniciada precocemente na aprendizagem, o provável fracasso pode determinar um rechaço ou uma atitude negativa em relação a leitura (COBDEMARIM e BLOMQUISI, 1986).

Considerada um transtorno específico da aprendizagem (TEAP), tem origem neurológica e afeta diretamente a leitura e escrita. Estudos apontam que a causa da dislexia é genética, algumas gêneses determinam uma capacidade menor de leitura e escrita, porém não devemos considerar uma criança com dislexia como portadora de doenças e sim considerar sua forma diferente de ver o mundo e buscar estratégias para superar essas dificuldades. Por várias razões a criança com dislexia apresenta dificuldade em algumas áreas, porém esta dificuldade não pode ser vista como impossibilidade para atingir seus objetivos, pois a dislexia é uma dificuldade e não uma impossibilidade.

3 DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO DA DISLEXIA

Por ser um transtorno ligado a leitura e escrita, uma criança que foi diagnosticada com dislexia tem uma enorme dificuldade na aquisição da leitura e relação com as palavras, caracterizada pela dificuldade na habilidade de decodificação e soletração como afirma Oliveira (2009) “envolvem fracassos na leitura, problemas de sintaxe, deficiência fonologia [...]”.

A pessoa com dislexia possui características físicas normais e não deve ser considerada como deficiente. Nos casos da dislexia, os fatores emocionais devem ser considerados de forma significativa, uma vez que esses fatores podem prejudicar diversas esferas da vida da criança, em especial a vida escolar. Para Condemaru e Blomquist (1986) “[...] aprender significa desenvolver-se e crescer, e as crianças com problemas emocionais severas tendem comumente a refugiar-se num estado regressivo infantil”. Em muitos casos os pais acreditam que essas dificuldades é só uma fase e que vai passar com o tempo. Esse pensamento acaba fazendo com que a criança se sinta reprimida e desista de aprender.

É preciso verificar se as dificuldades escolares estão relacionadas a um distúrbio de aprendizagem, de caráter cognitivo e linguístico ou socioeconômico, assim como suspeitas de quadros clínicos como deficiência intelectual, ou problemas sensoriais como visão e audição, essa investigação ajudará a fechar um diagnóstico correto e disponibilizar para a criança uma intervenção eficaz o fracasso escolar não pode ser visto como algo natural.

Não há como afirmar o que causa a dislexia, há vários tipos de investigação e estudos sobre o tema. O que se pode dizer é que há indícios neurológicos para o transtorno, o que reforça a ideia de que ele é hereditário ou adquirido durante a formação do feto.

Entre os fatores do meio ocupa um lugar o fator pedagógico, e não certamente, porque uma pedagogia inadequada possa por si só criar uma dislexia, mas porque pode encaminhar uma criança com uma maturidade medíocre para o caminho da dislexia.

De acordo com Santos e Marinho (2005), as manifestações clínicas dos transtornos da aprendizagem dependem especialmente da idade da criança e do ambiente educacional ou falta do mesmo, em que ocorrem. Santos e Marinho (2005), demonstram que os maiores riscos ambientais para manifestação da dislexia são o nível sócio econômico; oportunidades educacionais; e o ambiente que a criança vivencia com seus pais e cuidadores

A dislexia não pode passar despercebida e o quanto antes diagnosticada e tratada, é possível que as crianças superem suas dificuldades e se assemelhem àquelas que nunca tiveram qualquer distúrbio da aprendizagem.

Dessa forma, a criança com dislexia que não possui ajuda profissional permanece com problemas de leitura e escrita. Diferente do que se possa imaginar, o problema não se agrava, mas quando não é tratado corretamente pode desenvolver consequências severas. Algumas características observadas são: desempenho acadêmico ruim, falta de noção da passagem do tempo, melhor desempenho em testes orais do que escritos e sentimento de inferioridade.

A dislexia pode ser percebida pelo orientador durante os processos de alfabetização e por meio de atividades pedagógicas rotineiras, através disso, além das dificuldades de aprendizagem, pode-se perceber também se a criança passa por problemas familiares ou algo que não a deixe bem e que precisa de orientação para

que ela lide com a situação. Nesse momento, é importante a intervenção psicopedagógica para auxiliar a criança em seu processo de aprendizagem, o psicopedagogo nesse processo tem como foco o processo de aprendizagem e o desenvolvimento intelectual do aluno, não devendo ater-se aos erros do aluno, incentivando que o mesmo tenha uma liberdade para criar seus próprios meios de executar o que lhe foi solicitado. Pais e educadores devem dar importância quando observarem certas dificuldades das crianças. Frank (2003, p. 5) salienta que “uma avaliação da capacidade de leitura como velocidade, decodificação, memória, compreensão e capacidade intelectual (QI) feita na escola ou em outra instituição especializada, pode determinar se a criança é ou não dislexia”. No entanto Hout (2001) e Frank (2003) explicitam que especialistas vão recomendar exames complementares e reforça uma avaliação multidisciplinar para chegar a um diagnóstico conclusivo.

Vários pesquisadores, entre eles psicólogos, neurologista e psicopedagogos enumeram alguns sinais que auxiliam no diagnóstico da dislexia: Baixa autoestima, dificuldade para soletrar, dificuldade para ler em voz alta, conclusão com direita e esquerda, problemas para seguir direções, demora a terminar exercícios de escrita, dificuldades com a matemática, relutância em ir à escola, entre outros.

Esses processos de investigação no Brasil são geralmente feitos por uma equipe multidisciplinar, composto por diferentes profissionais e pode variar dependendo dos sintomas apresentados. A equipe pode ser constituída por psicólogos, fonoaudiólogos, médicos (pediatria, neuropediatria, neurologista e ou/psiquiatria), e psicopedagogo. É fundamental que a equipe se reúna e compartilhe os resultados das avaliações chegando a uma conclusão representativa das áreas investigadas.

Um diagnóstico eficaz pode trazer muitos benefícios a criança, pois os pais e educadores podem ir em busca de tratamento mais rapidamente. Para se ter um diagnóstico, perguntas a respeito do desenvolvimento oral também são fundamentais, uma vez que está claro o papel da disfasia de evolução na gênese da dislexia. (ROTTA, 2006, p. 160).

Ao lado das queixas específicas para ler escrever, muitas vezes toma um vulto maior a repercussão comportamental que esses fracassos produzem na criança em idade escolar. Muitas vezes as queixas de ansiedade, agressividade, depressão ou hiperatividade e desatenção, inclusive, são predominantes durante a primeira consulta. Junto com essas queixas, frequentemente está embutido o medo que os pais carregam de que o filho tenha algum grau de deficiência mental. (ROTTA, 2006, p. 160-161).

O exame realizado para comprovar o laudo da dislexia, acontece pela observação da audição e da visão, se o indivíduo apresentar quaisquer alterações deve ser encaminhado aos especialistas (ROTTA, 2006). Sobre o diagnóstico é importante destacar que:

Tanto o diagnóstico como o tratamento podem ser características multidisciplinares, principalmente interdisciplinares, porque só dessa forma poderão ser abordados, no momento certo, cada um dos aspectos de um todo, que deve ser encarado de maneira uniforme. (ROTTA, 2006, p. 162).

A dislexia pode ser vista, ainda, como um transtorno específico, que compromete a compreensão da leitura e da escrita, e é um problema que persiste até a vida adulta, afetando um conjunto de poucas pessoas desde os primeiros anos de escolaridade, esse transtorno ocorre em crianças com capacidade intelectual normal

visão e audição normais ou corrigidas e que não são portadores de problemas psíquicos ou neurológicos graves, problemas esses que podem justificar essas dificuldades escolares, que pode estar presente mesmo em indivíduos que tiveram escolaridade adequada. Requer um tratamento lento e necessita de um diagnóstico feito por uma equipe multidisciplinar.

4 ESTRATÉGIAS E PROCESSOS DE ENSINO PARA CRIANÇAS COM DISLEXIA

A Educação escolar consiste na formação integral, ou seja, na aquisição de capacidades motoras afetivas de autonomia, de equilíbrio pessoal de inter-relação pessoal e inserção social. Compreende-se que a escola apresenta um papel fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem as crianças com dislexia como afirma a Associação Brasileira de Dislexia:

É na escola que a dislexia, de fato aparece. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local onde a leitura e escrita são permanentemente utilizadas, e, sobretudo, valorizadas. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016).

O aprendizado é lento e não deve se visar apenas o domínio da leitura e da escrita, quando essas habilidades não forem possíveis a criança é necessário que a escola apresente ao aluno outras alternativas tais como: artes plásticas, teatro, música, dança, esporte e outros.

A inclusão educacional e a aceitação de crianças com distúrbios na sua vida escolar exigem que dos professores a reconstrução do saber da escola além da melhoria da formação para trabalhar pedagogicamente. Nesse contexto, o educador deve estar preparado para lidar com as diferenças, pois é na escola que a dislexia de fato aparece.

De acordo com o professor Braggio (2009), não é necessário que crianças com dislexia fique em classe especial, pois eles têm muito a oferecer para os colegas e muito a receber deles, e essa troca de humores e saberes, além de afetos, competências e habilidades só faz crescer a amizade, a cooperação e a solidariedade. Segundo Frank, a equipe de apoio deve ser aliada no trabalho pelos interesses do aluno disléxico. Está próximo de pessoas que o apoiam é extremamente importante.

Compreendendo quais são as dificuldades do indivíduo, é possível planejar e direcionar intervenções e adaptações personalizadas, envolvendo tanto a escola como os pais e outros profissionais para minimizar as dificuldades de aprendizagem e sociais (MONTANARI, 2015 p.17).

É lamentável que alguns educadores consideram essas crianças como desatentas preguiçosas, crianças sem vontade de aprender, desenvolvendo assim um estado emocional depressivo na criança agravando ainda mais as dificuldades próprias da dislexia, pois quando a mesma se ver compreendida e amparada ganha segurança e vontade de continuar tentando. A falta de conhecimento do problema por parte dos educadores, favorece a imagem de que a criança é desmotivada.

Não é por acaso que muitos portadores de dislexia não sobrevivem à escola e são por elas proferidos, em resumo, todo o esforço é válido para ensinar um aluno disléxico a ler e processar informações com eficiência.

É melhor compreender as dificuldades e remedia-las à medida que se apresentam. É melhor preveni-las do que predizê-las. E, nesta prevenção, a escola maternal tem um papel vital a cumprir, já que aos seis anos, ponto de que partimos para expor os problemas, a sorte está em grande parte lançada.

Conforme Frank (2003), para nós educadores é primordial a busca de informações sobre este tipo de transtorno de aprendizagem, principalmente se recebemos um aluno com esses transtornos o qual só podemos auxiliar de forma correta se tivermos o devido conhecimento.

O autor citado diz:

[...] A leitura para a criança com dislexia não é divertida como para tantos jovens leitores. Com frequência a criança com dislexia pode inverter ou misturar as letras. Os disléxicos muitas vezes tendem a tentar adivinhar a palavra escrita, dificultando muito a leitura e a compreensão da mesma. Muitas crianças e adultos com dislexia tem dificuldade com a lembrança de palavras. Esquecimento que é de fato a manifestação da incapacidade do cérebro de processar informações rapidamente”. Se conhecemos o que realmente é dislexia poderá ajudar nossos alunos a alcançar o sucesso e este autor nos fala, pois o mesmo apresenta grande dificuldade em memorizar conteúdos quando necessita guardar nomes ou nomenclaturas [...] (FRANK, 2003).

A Cartilha da Inclusão Escolar (2014, p. 25) recomenda em seu artigo 75 que:

O professor deve colocar o aluno para sentar-se próximo a sua mesa e a lousa já que frequentemente acaba se distraindo com facilidade em decorrência de suas dificuldades e /ou desatenção. Essa medida tende a favorecer também o diálogo, orientação e acompanhamento das atividades, além de fortalecer o vínculo afetivo entre eles.

A gestão escolar não pode cruzar os braços diante desta realidade, por isso deve procurar mecanismos que minimizem as dificuldades e promovam as condições de o educando superá-las, é muito importante reconhecer que as instituições escolares precisam analisar quais os fatores que interfere no aprendizado e rendimento da criança.

Segundo Pinto e Matos (2016), quando o professor recebe um aluno com dislexia na sala de aula, deverá ter consciência de que ele é um inteligente e capaz de aprender.

Todo professor deve saber que em toda atividade pedagógica há relações transferenciais e contratransferências. Seria interessante estabelecer grupos Balint para professores (como se faz para os médicos) que lhe permitissem superar (complementando-as) algumas oposições estabelecidas entre técnicas e relações, porque não basta ser um professor bom, deve-se ser, ao mesmo tempo, um bom professor.

Conhecer o termo dislexia, é muito importante para os educadores, pois será mais fácil compreender porque a criança não consegue aprender apesar de apresentar condições para tal e possuir capacidade intelectual admirável. Sabendo disso e considerando o contexto escolar, a identificação precoce de um possível ou suposto quadro de dislexia no ambiente escolar sensibiliza os profissionais da educação ao exercício de um “novo olhar” mais cuidadoso, investigativo e com mais participação na vida dessas crianças. Muitas das vezes o Educador passa a confundir a dislexia com algum transtorno comportamental e que acaba prejudicando o desenvolvimento da criança.

É preciso que cada vez mais os profissionais da educação se dediquem, não somente deste distúrbio, mas também de todas as dificuldades de aprendizagem e, se empenham na formação especificada para intervenção apropriada dentro da escola e da sala de aula, visando a inclusão desses alunos no ambiente escolar e social. É importante considerar que dislexia não é uma doença e que, portanto, não tem cura e que seus sintomas acompanham o indivíduo ao longo da vida.

Se faz necessário investimentos nos processos de formação de professores por parte do poder público para que se possa entender melhor a dislexia e assim buscar a melhor maneira de lidar com essa dificuldade intervindo com alunos em sala de aula principalmente nos primeiros anos e ensino fundamental.

Para que o ensino possa abranger a todos e emitir que cada aluno possa vivenciar a experiência educativa de forma integral, a escola deve valorizar o conhecimento da realidade dos alunos com dificuldade para aprender, dando assim oportunidades e alternativas para oferecer recursos a necessidade especiais de todos os educandos.

Na opinião de Cogan (2002), os professores que lidam com alunos disléxicos devem ter ciência que esses alunos tem o mesmo potencial dos outros alunos e como os mesmos podem ser bem sucedidos e que eles só precisam de um ensino diferente para aprender.

O papel dos pais e dos professores é de identificar esses distúrbios e buscar entender a melhor maneira para ajudar a criança, pois, a dislexia precisa de um tratamento apropriado. Com a orientação correta, a família pode atuar como um potencializador para a superação das dificuldades e problemas relacionados ao desenvolvimento intelectual da criança, fornecendo a escola e aos profissionais envolvidos informações essenciais para apoio do aluno.

É difícil estabelecer critérios precoces para essa identificação, sabemos que podem surgir atrasos no desenvolvimento motor linguístico nas fases desse desenvolvimento, por isso, estabelecer estratégias e metas eficazes para que a criança desenvolva o mais correto possível suas habilidades sensoriais e motoras para atingir o contexto formal escolar é de grande importância.

Shaywitz (2006) relata em sua obra a extrema importância do acompanhamento dos estudos feitos entre pais e filhos com dislexia no lar, como prática de apoio para o aproveitamento escolar, incentivando a leitura, explicando o significado das palavras para que a criança possa compreender e decodificar quando se defrontar com esta novamente, usar através de sons e imagens, facilitando, assim o aprendizado.

Menezes (2007, p. 43-45) estimula o “[...] uso da oralidade e da tecnologia na sala de aula em que há criança com dislexia”. Nesse contexto, os ambientes de aprendizagem que utilizam ferramentas tecnológicas podem contribuir para auxiliar os alunos a assumirem uma maior autonomia diante dos conteúdos.

É importante salientar que os alunos recebam estímulos por todas as suas conquistas na aprendizagem, pois assim, eles vão criando táticas para progredir em sua aprendizagem, conseguem se tornar bem mais confiantes.

Para alunos que possuem dificuldades específicas de aprendizagem como a dislexia, a escola precisa prever um tempo extra para apoiá-los, esse apoio precisa ser entendido como um presente e não como um castigo, é necessário que o aluno entenda que a construção do conhecimento é feita por etapas, e que pular essas etapas não possibilitará o avanço de novas etapas.

Conforme a Pedagoga e Psicopedagoga Lilian de Almeida P. B. Sá temos algumas estratégias educacionais que auxiliam o professor na inclusão da criança com dislexia são elas:

- Falar olhando diretamente para o aluno;
- Trazê-lo para perto da lousa e da mesa do professor;
- Verificar sempre e discretamente se ele demonstra estar entendendo a sua exposição;
- Certifica-se se as instruções para determinadas tarefas foram compreendidas;
- Observar discretamente se ele fez anotações da lousa e de maneira correta antes de apaga-la;
- Observar se ele está integrando com os colegas;
- Estimula-lo e incentiva-lo a acreditar em si, e sentir-se forte, capaz e seguro para realizar qualquer tarefa;
- Sugerir “dicas”, “atalhos”, “jeitos de fazer”, e “associações” que o ajudem a lembrar-se de como executar atividades ou resolver problemas;
- Não lhe pedir para fazer coisas na frente dos colegas, que o deixem na berlinda, principalmente ler em voz alta;
- Permitir, sugerir e estimular o uso de gravador, tabuada, máquina de calcular, recursos de informática e o uso de outras linguagens;
- Evitar situações em que a criança tenha que ler em voz alta diante dos demais;
- Não avaliar negativamente os erros disléxicos;
- Evitar a exigência da aprendizagem de outra língua;
- Tentar avaliar a criança dentro do seu próprio ritmo, não fazendo comparações relativas ao rendimento dos leitores normais.

São inúmeras as estratégias e ferramentas que os professores têm que analisar e decidir qual melhor usar em alunos com dislexia para que o mesmo não sinta tanta dificuldade e venha atingir o sucesso tanto na sua vida escolar como em todos os espaços que o mesmo vive e que não se sinta excluído e diferente dos demais. Compreende-se que com utilização de métodos e técnicas variados para contemplar todas as necessidades didático-pedagógicas dos alunos surgirão às oportunidades de vivências de experiências significativas que possam ajudar nas funções de maturação da criança nas series iniciais

Entende-se que os desafios das dificuldades de aprendizagem por dislexia se constituem uma problemática cuja escola deveria ter alternativas para oferecer recursos as necessidades especiais dos educandos.

Para o autor Martins (2008):

Os pais, alunos e professores precisam entender que a dislexia, ao contrário do que definem alguns profissionais de educação terapêutica ou de saúde mental, não é definitivamente, uma doença ou transtorno. Para os eu atuam em sala de aula, com disléxicos no ensino fundamental ou no ensino médio, cabe o juiz crítico e o discernimento pedagógico de que a dislexia é, apenas, uma dificuldade específica no aprendizado da leitura no período escolar. Os disléxicos podem apreender. Aliás todas as crianças especiais são aprendentes em potencial. Se fracassam no período escolar, não fracassam sozinhas: a escola, do gestor ao professor, também fracassou.

O Estado tem, por obrigação assegurar atendimento gratuito, e de qualidade, em rede regular de ensino público às pessoas com necessidades especiais

de aprendizagem. Este atendimento é uma complementação no ensino que tem seu foco direcionado a pessoa com alguma dificuldade de aprendizagem, com objetivo de fornecer igualdade de oportunidades como está descrito na Constituição Federal Brasileira no seu artigo 5º.

Analisando os dados de analfabetismo do povo brasileiro é possível que seja feita reflexão sobre a qualidade do sistema educativo neste país, e em que grandeza o sistema produz os chamados distúrbios de leitura e escrita. Vale lembrar que o Brasil é membro da Organização das Nações Unidas e que teve participação da Conferencia Mundial dos Direitos Humanos em 1948, na conferência Mundial sobre Educação para todos em Jomtien na Tailândia em 1990 e da Conferência Mundial sobre as Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, realizada em Salamanca, Espanha em 1994. Assinou documentos se comprometendo a fornecer educação de qualidade para todos.

Como coloca Demo (2012), uma “parte expressiva dos alunos oriundos de escolas públicas chega ao quinto ano ainda analfabeta, isto é, muitos alunos brasileiros não sabem ler e escrever porque essas habilidades não são desenvolvidas com perfeição nas escolas”.

Segundo Smolka (1996, p. 72):

Para a alfabetização ter sentido e ser um processo interativo, a escola tem que trabalhar com o contexto da criança, com histórias e com intervenções das próprias crianças que podem aglutinar contrariar, ‘engolir’ palavra, desde que essas palavras ou histórias façam algum sentido para elas. Os ‘erros’ das crianças podem ser trabalhados. Ao contrário do que a maioria das escolas pensam, esses ‘erros’ demonstram uma construção, e com o tempo vão diminuindo, pois às crianças começam a se preocupar com outras coisas (como ortografia) com que não se preocupavam antes, pois estavam apenas descobrindo a escrita.

O certo é que o fracasso da criança se explica muito facilmente pela fraqueza ou falta de vontade. Com isto a criança que desfruta de melhores condições familiares é a que se beneficia mais da escola, já que responde às expectativas do professor, e a criança proveniente dos meios mais desfavorecidos se vê repelida, consciente ou inconscientemente.

Só uma melhoria geral da escola permitiria repartir realmente as responsabilidades entre dificuldades banais e dificuldades que resistem a uma pedagogia normal, e que necessita de uma investigação profunda e de cuidados especializados.

O progressivo aumento do número de crianças que frequentam os consultórios por dificuldades de aprendizagem da língua escrita mostra a frequência dessas dificuldades. Esta frequência é tal que nos obriga a nos interrogarmos acerca das fontes das descrições e análises clínicas da dislexia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo levantado é relevante pois pretende aprofundar a importância do diagnóstico para melhorar a prática pedagógica e o desenvolvimento da criança com dislexia. Quanto mais cedo essa dificuldade específica da leitura e da escrita for percebido, maior a possibilidade da busca para o tratamento adequado. Nesse sentido, os professores podem observar se o aluno:

- a) apresenta lentidão na aprendizagem da leitura e escrita;
- b) dificuldade de compreender o que está lendo;
- c) se ocorre confusão entre as letras com grafia parecida como por exemplo (b-d) ou se a escrita aparece muitos erros.

Nesse contexto, os professores devem trabalhar buscando sempre estratégias que possam auxiliar a criança com dislexia na sua dificuldade, tomando certas atitudes como:

- a) falar olhando diretamente para o aluno, trabalhar com ele de perto verificando o seu entendimento nas tarefas;
- b) observar, também, se ele está interagindo com os colegas;
- c) incentivá-lo a acreditar em si mesmo;
- d) não julgar;
- e) não permitir que ele seja julgado por suas dificuldades na leitura e na escrita;
- f) entre outras ações que podem ser utilizadas pelo professor.

Estas são algumas estratégias que podem auxiliar a criança no seu desenvolvimento escolar tendo em vista que, é na escola, com o olhar cuidadoso do professor, que se constata este transtorno na aprendizagem logo nos anos iniciais. Com a ajuda dos pais, que as vezes nem percebem e imaginam ser normal devido a idade ou que possam ser passageiras essas dificuldades, o professor poderá melhor avaliar e junto a eles, ir em busca de profissionais para um diagnóstico preciso.

REFERÊNCIAS

AJURIAGUERRA, J. de *et al.* **A dislexia em questão: dificuldades e fracassos na aprendizagem da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. 183 p.

Associação Brasileira de Dislexia. **Como interagir com o disléxico em sala de aula.** 2016. Disponível em: Como interagir com o disléxico em sala de aula – ABD | Associação Brasileira de Dislexia. Acesso em: 5 nov. 2022.

ASSUNÇÃO, Gabriele Silva. **A dislexia e os desafios no processo de aprendizagem da Língua Portuguesa.** 2018. 49 f. Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas) – Universidade do Estado da Bahia – Campus V, Santo Antônio de Jesus, 2018.

BRAGGIO, Mario Angelo. **A inclusão do disléxico na escola.** 2009. Texto apresentado em um blog. Disponível em: <http://dislexicosaiibaseusdireitos.blogspot.com/2009/04/inclusao-do-dislexico-na-escola.html?m=1>. Acesso em: 5 nov. 2022.

CARNEIRO, Neline Carlos Pereira. **A dislexia no âmbito escolar.** 2014. Monografia (Especialista em Educação Especial e Inclusiva) – Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2014.

COGAN, Pauline. O que os professores podem fazer. *In: Dyslexia International – Tools and Technologies. O choque linguístico: A Dislexia nas Várias Culturas.* Bruxelas: DITT, 2002. seção. 2.

CONDEMARIN, Mabel; BLOMQUIST, Marlys. **Dislexia**: manual de leitura corretiva. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986. 143 p.

MARTINS, Vicente. Dislexia e os estágios cognitivos de Piaget. *In: Leitura, dilexia e Piaget*. Sobral, 2008. Texto apresentado em um blog. Disponível em: <https://leitura-dislexia-piaget.blogspot.com/2008/08/dislexia-e-os-estgios-cognitivos-de.html>. Acesso em: 3 nov. 2022.

MENEZES, Rosilaine de Paula. **Intervenção psicopedagógica com uma aluna disléxica**. 2007. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

MONTANARI, Rafaela. **Uma análise sobre dislexia na escola**. 2015. 68 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2015.

OLIVEIRA, Viviane Fernandes de. O aluno com dislexia na fase de alfabetização: ações e intervenções psicopedagógicas. *In: CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO, VII., 2020, Maeió. Anais...* Alagoas: [s. n.], 2016. Tema: Educação como (re)Existência: mudanças conscientização e conhecimentos.

OLIVER, Lou de. **Distúrbios de Aprendizagem e de Comportamento**. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.

RECKZIEGEL, Vanessa Angélica; STEIN, Deise. **Dislexia e seus impactos na vida escolar e social**. [S. l.: s. n.], 2016.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem**: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.

TITONI, Cátia Cilene da Silveira. **Dislexia na Educação Escolar**: técnicas e metodologias para trabalhar com o aluno disléxico. 2010. 49 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010.

VERAS, Fernanda de Carvalho. **A dislexia e a linguagem com foco na leitura e produção textual**. Orientador: Rozana Reigota Naves. 2013. 49 f. Projeto de curso (Licenciatura em Língua Portuguesa) - Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PINTO, Ana Cristina Cruz; MATOS, Maria Almerinda Lopes de. **A Dislexia na Educação: Intervenção Psicopedagógica**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 1. Vol. 9. pp 631-649. outubro / novembro de 2016. ISSN. 2448-0959